

PROMAR

Produtora de Mármore

Av. do Trabalho 1999 - Maputo
Tel. 731047 * Fax 401108*mediaFAX*

Maputo * quinta-feira 16.07.92 * Nº 39/92

PROLECPrograma
de
Electrificação Urbana
Telf./ Fax 420245
MaputoDe segunda a sexta, um diário no seu fax * Propriedade e edição: mediacoop - jornalistas associados, scri
Editor: Carlos Cardoso * Sede: Av. Mártires da Machava, nº 1002
C.P. 73 * Tls 49 09 06, 74 39 52 * Faxes 49 00 63 / 49 09 06 * Tlx 6 - 233 * Maputo * Moçambique

Assinaturas mensais - ordinária: 50.000,00 MT * institucional: 150.000,00 MT ou 50 USD * de apoio: 250.000,00 MT ou 100 USD

CIMEIRA DE ROMA: OPTIMISMOS E TEMORES

Por Lourenço Jossias, enviado especial

1-45/92 (Roma) A anunciada cimeira entre o presidente Joaquim Chissano e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, tanto poderá vir a constituir um sucesso sem precedentes como pode ser um fracasso terrível para Moçambique, tudo dependendo do trabalho de preparação que deve estar à anteceder-la, assim comentam as personalidades ligadas ao processo de paz moçambicano que decorre em Roma.

Chissano e Dhlakama terão o seu primeiro "frente a frente" no dia 3 de Agosto em Roma, no culminar de um esforço diplomático paralelo à mediação oficial que vem sendo desenvolvido pelo Presidente Robert Mugabe do Zimbabue.

Há razões para optimismos em volta do encontro, uma vez que dele pode ser reforçada a ainda débil confiança que existe entre o Governo e a Renamo, ou pode sair, por qualquer milagre ou entendimento, a decisão de se assinar o acordo de paz, mesmo que os instrumentos legais desse acordo não tenham sido ainda acordados em Santo Egídio.

Figuras ligadas ao processo de paz, como por exemplo da mediação, não escondem a surpresa que constitui a decisão de Chissano de, sem "A" nem "B", encontrar-se com Dhlakama, quando na mesa há aspectos por acertar, quando ainda há divergências por sanar.

Concordam, porém, com o coordenador da mediação, Mário Raffaelli quando no seu primeiro contacto com o "mediaFAX" em Roma, disse que tudo aquilo que fôr feito para contribuir para o processo de paz é bom mas tudo quanto fôr a complicar é mau.

Observadores na capital italiana esperam que o encontro Chissano-Dhlakama seja para fazer avançar o processo de paz, pois ele é o último esforço que ainda faltava realizar, nesta procura de paz que já teve no

acordo de Nkomati uma esperança decisiva.

Mas, estarão a ser criadas as condições necessárias para que esse "frente a frente" tenha os êxitos esperados? Em Roma, a sensação que há junto de vários sectores ligados às conversações é de que não. "A decisão foi rápida demais", dizem tais sectores, argumentando que assim no meio de divergências sobre questões militares, o encontro de Roma não vai produzir grandes decisões.

Os receios aumentaram logo que Afonso Dhlakama anunciou, na quarta-feira em Genebra, que o encontro seria aqui em Roma. Deduzindo-se que vai ter lugar à margem das conversações e com a mediação oficial envolvida, receia-se que vão faltar dados técnicos decisivos para que Chissano e Dhlakama se comprometam a assinar um acordo de paz sem bases solenes e formais.

A mediação, que está visivelmente embaraçada com o encontro que decorre no seu terreno mas fora do seu controlo, tenta desesperadamente obter dados concretos junto de quem quer que seja sobre que iniciativa será esta.

Este é um dos motivos dos temores que pairam, pois uma vez anunciada a realização da cimeira em Roma, seria de esperar que a mediação e as partes estivessem envolvidas a atender questões ligadas a esse encontro, numa espécie de preparação técnica da cimeira. Mas, tal não está a acontecer, pois ainda não há da parte das duas delegações nenhuma confirmação.

"Nós sabemos através dessas fontes que circulam aí no mundo, as agências noticiosas, as estações de rádio", disse em privado um membro da mediação ao "mediaFAX". Pessoa de poucos conflitos e de muitos segredos, a fonte evitou revelar a existência de qualquer problema mas evidenciou, claramente, que o

encontro, mais concretamente a sua preparação, esconde dados de vital importância para a mediação.

Quando perguntei ao interlocutor onde seria a cimeira, respondeu que não sabia pois a mediação não se tinha debruçado ainda sobre isso porque "como disse, ainda não temos nenhum contacto oficial". Respondeu, porém que "talvez" terá lugar na Vila Madamme, no Ministério italiano dos Negócios Estrangeiros.

A sensação que há, quando se fala com franqueza mas sempre em privado com pessoas próximas das conversações aqui em Roma, é de que o Governo de Moçambique, agastado já pela demora das conversações tem sido pressionado por todos os lados para que resolva o conflito armado com a Renamo. E para acudir a essa pressão, Chissano terá aceite conversar com Dhlakama mas sendo essa atitude vista como contrária aos princípios várias vezes tornados públicos segundo os quais um encontro com Dhlakama sem garantias de bons resultados seria coisa impensável.

E desta vez, a pressão veio do grande aliado regional de Moçambique, o Zimbabwe, onde Mugabe, a braços também com problemas internos e com necessidade absoluta e urgente de elevar o seu prestígio interna e internacionalmente, tenta jogar como peça decisiva a paz moçambicana.

Os receios que persistem em Roma têm também a ver com a história e o ponto actual das conversações. Lembram-me os observadores que as soluções africanas das guerras em África têm o perigo de não terem em conta as formalidades jurídico-legais dos entendimentos.

Recordam-me Gbadolite, onde 19 chefes de Estado de África assumiram com Savimbi um compromisso verbal sem documento. "O que se viu é que não valeu absolutamente para nada", recorda-

-me um observador militar de um país europeu.

Se não houver boa preparação, repetem, o encontro Chissano-Dhlakama pode terminar com um "está bem, a guerra acabou" mas depois vão se colocar os mesmos problemas que se colocaram em Angola. "A guerra não é só de Dhlakama, Moçambique precisa de um acordo de paz escrito artigo por artigo", acrescentou a fonte do "mediaFAX".

Ligado ao ponto actual das conversações, há a considerar que, por um lado, a Renamo já está a celebrar a cimeira entre os dois adversários, tendo Dhlakama definido a reunião como "encontro de dois líderes". Por outro, há que ver as divergências que se mantêm sobre aspectos cruciais em relação às questões militares.

Raúl Domingos há muito que não utilizava violência verbal mas agora, na véspera da cimeira, volta a endurecer as posições, chamando de comunista e marxista à Frelimo. Trata o SISE como grupo de assassinos que deve ser desmantelado. Diz que quem está em estudos no exterior sendo militar governamental que venha agora.

Dhlakama em Genebra, já a caminho de Roma para tomar parte na cimeira, diz que só haverá paz "quando a Frelimo aceitar o estabelecimento da democracia em Moçambique".

Num cenário destes, é muito compreensível que sectores cautelosos e atentos à história se preocupem com o previsto encontro, ou melhor, com os seus resultados, pois Dhlakama pode arrastar Chissano para o mesmo tipo de debates esgotantes e improdutivos a que Domingos sujeita Guebuza.

E se a cimeira decepcionar, quem ficará a perder, de ponto de vista de Roma, não será Chissano. "O mundo ficará a olhar para o Mugabe", dizem os observadores.

INVESTIMENTO ESTRANGEIRO EM MOÇAMBIQUE

2-45/92 (Maputo) O Reino Unido ocupa, neste momento, a primeira posição na lista de países com investimentos privados em Moçambique com um valor acumulado (em 30 de Junho de 1992) de 42 milhões e 492 mil dólares americanos, soube o "mediaFAX" junto de uma fonte do Gabinete de Promoção de Investimento Estrangeiro (GPIE).

O capital britânico em Moçambique corresponde a 34,7 por cento do total de capitais privados investidos no país entre 1985 e 1992, e abrange 26 projectos autorizados nas áreas da agro-indústria, transportes e comunicações, turismo e hotelaria, pescas, recursos minerais e construção.

A companhia multinacional "Lonrho"

detêm a maior parte de capitais britânicos em Moçambique (cerca de 32 milhões de dólares) aplicados essencialmente na agro-indústria e na prospecção e mineração de ouro na província de Manica.

O segundo lugar, na lista de 22 países investidores em Moçambique, é ocupado pela República da África do Sul com 17 milhões e 844 mil dólares distribuídos por 28 projectos autorizados pelas autoridades governamentais a partir de 1986.

A posição sul-africana dentro da economia moçambicana valeu elogios por parte do Presidente Chissano ao discursar domingo último nas cerimónias de reinauguração do hotel Polana reabilitado e ampliado com financiamentos maioritariamente sul-africanos.

Em termos percentuais, os capitais sul-africanos constituem, neste momento, 14,6 por cento de todo o investimento directo estrangeiro no país.

Na terceira posição, em termos de volume de investimentos, encontra-se Portugal com 15 milhões e 847 mil dólares acumulados até 30 de Junho último, o que constitui 12,6 por cento de capitais estrangeiros aqui investidos. Estados Unidos da América vêm depois dos portugueses com 14 milhões e 54 mil dólares, o que significa 11,5 por cento.

A Holanda ocupa a quinta posição com nove

milhões e 95 mil dólares (7,4 por cento). A Irlanda, Brasil e Espanha ocupam as posições seguintes com valores de cinco milhões e 836 mil dólares, três milhões, e dois milhões e 911 mil dólares, respectivamente.

A Itália, muitas vezes classificada como o principal parceiro económico ocidental de Moçambique, ocupa o nono lugar em termos de investimento directo privado com cerca de um milhão e 600 mil dólares.

As estatísticas do GPIE agrupam em 14º lugar países como a Suécia, Bulgária, Luxemburgo, Zimbabwe, apresentando-lhes com investimentos privados avaliados em um milhão e 82 mil USD. A Suazilândia e a França aparecem com o mesmo valor de investimentos (um milhão e 37 mil USD), enquanto que a Jugoslávia, Panamá, Grécia e Alemanha apresentam-se com apenas 215 mil USD.

Nas estatísticas consultadas pelo "mediaFAX" não se mencionam investimentos da ex-União Soviética, bem como dos restantes países do leste europeu, nações que durante os primeiros 10 anos de independência de Moçambique constituíram para este o modelo político-económico de desenvolvimento.

COMITÉ DE AJUDA HUMANITÁRIA REÚNE-SE

3-45/92 (Maputo) O Comité de coordenação e fiscalização dos "corredores da paz" estabelecido pela Declaração de Roma de 16 de Julho realizou ontem, em Maputo, a sua primeira sessão de trabalhos.

O Comité, constituído pelos mediadores e observadores das negociações de Roma, nomeadamente Itália, Estados Unidos da América, Grã-Bretanha, França e Portugal, integra ainda o Comité Internacional da Cruz Vermelha e é presidido por Peter Simkin, na sua qualidade de Chefe do sistema das Nações Unidas em Moçambique.

O "mediaFAX" apurou que o encontro de ontem ocupou-se fundamentalmente da definição dos procedimentos da operação do comité, como foram estabelecidas as formas de relacionamento daquele órgão com o governo e com a Renamo, bem como foi clarificado o papel de cada uma das agências das Nações Unidas à luz da declaração de Roma.

No encontro foram igualmente discutidos aspectos relacionados com contratos a estabelecer

com certas empresas para a desminagem e reparação de estradas ao longo dos "corredores da paz".

De acordo com uma fonte ligada ao comité, a sessão de ontem estabeleceu que o subcomité logístico vai ter reuniões de trabalho uma vez por semana, ao passo que o subcomité político, constituído a nível de embaixadores sob a presidência de Peter Simkin, reunir-se-á uma vez por mês.

A declaração sobre as operações de socorro das populações civis vivendo em ambos lados do conflito estabelece que "será garantida a livre circulação e o respeito das pessoas e aos meios que, sob a bandeira das Nações Unidas ou do Comité Internacional da Cruz Vermelha, estejam empenhados em acções humanitárias e não sejam acompanhados de escoltas militares". Assim, compete ao comité de ontem reunido estudar formas de implementação do espírito da declaração, devendo reportar às partes "em devido tempo sobre detalhes operacionais".

□